

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVI nº 122, janeiro / fevereiro — 2024



CORAGEM DE SER MULHER

sôniahelenah

Coragem de ser mulher
numa terra que é dos homens
é saber abrir espaços,
é poder se arriscar.
Coragem de, sendo caça,
ir em frente e desafiar
tabus, preconceitos, culturas,
conquistando seu lugar.

Coragem de ser mulher
numa terra masculina
é assumir ter mil faces.
Ser triste para cantar
e meiga para sorrir.
Ser terna para envolver,

ser forte para chorar.
Atrevida e negacear,
submissa ao discordar.
Ser lúcida pra decidir,
ser livre para avançar.

Coragem de ser mulher
numa terra de varões
exige se atrever
ou até se desnudar
e, no entanto, com o querer,
conseguir se preservar.
Coragem de repartir,
coragem de recusar.
Coragem de se integrar,

coragem de competir
sem precisar disputar.

Coragem de ser mulher.
Coragem de indagar.
Coragem de investir
no mundo, na vida, nos homens.
Coragem de acreditar,
coragem de compartilhar,
coragem de conquistar.
Coragem de se guardar
e também se insinuar.
Coragem de seduzir,
coragem até de amar.

(Do livro *Andanças no tempo*, 1996)

(QUEM SABE) AS FAMOSAS ÚLTIMAS PALAVRAS...

Helena de Macedo

Não sei se suspiro ou respiro, o que respiro, no meu encantado castelo de uma só ameia, tida como louca por quem tem medo da verdade. Pretensa prisioneira, fugitiva de um mago negro na energia e na matéria.

Da esperança sobra-me a determinação, o ímpeto de dizer *não!* à lança tão afiada quanto desleal e empenhada em desconstruir, pelo puro prazer. Desamada da vida e dos amores, submersa no pavor de sofrer em solidão, procura trespassar desiludidos do sonho ou meros incautos descontentes.

Amarro-me à determinação, ao ímpeto e ao *não!*; algum me há de levar. Talvez os três, basta um acreditar comigo. A solidão não me apanha; se apanhar, não me segura. Não sou deste mundo.

No meu Universo Único, o Cupido dormita encostado ao arco e ao cesto, vazio de flechas. Sonha com cada tiro certo; picado pela última seta perdida, provou do próprio veneno. Tenho a Alegria do verde vivo, contagiante, quatro patas malhadas de branco dormitando ao sol, histórias condensadas em bolsas suspensas, algumas minhas, outras não... imagens e lembranças que me parecem sagradas, já não me lembro de quem, de onde nem por quê, e o Olho que me protege do que quer entrar no meu espaço sem permissão.

Se até o Cupido jaz, enfeitado, nada mais há a temer. Este espaço encantatório, implantado no meio de uma ilusão, é a bolha de ar puro, a gota de orvalho; é a garrafa vazia agasalhando um bonsai mágico, é o lugar onde quero plantar todos os meus sonhos.

Quero! E vou! Embrenhada no movimento em torno do regresso à esperança, reencontrei o santuário onde se refugia o sentido. Tudo tem o seu, até o que faz por não ter. Vale-me, mesmo quando descontente, não desistir de sonhar.

De volta ao castelo outrora encantado, percebo de onde me veio o estímulo para cada pedaço de ilusão, ou vice-versa; um Cupido estático, algures numa estante, seta bem afiada, uma Maria Alegria viçosa, entre outras verdes Marias, quatro patas de pontas brancas saltando de alegria ao me receber, histórias condensadas em prateleiras, imagens, lembranças... e o Olho, de azul bem vivo, a apreciar quem entra.

Terá levado várias vidas, suores e lágrimas, mas construí um castelo só meu, volátil

Continua na pág. 2

entre ilusão e realidade; com encanto, desencanto, sorrisos ou tristezas, mora onde eu morar. Segue-me, mais confiante do que eu nas escolhas que o destino apresenta, para sempre encantado.

Não sei qual é o real nem qual a ilusão, o importante é sentir-me inteira neste trânsito permanente sem hora de ponta. Deixo-o aqui, de presente, a quem se aventurar a entrar.

O BRUXO JORNALISTA

Paulo Lima

Diz uma definição bastante repisada que a crônica é um gênero híbrido do jornalismo e da literatura.

Machado de Assis elevou a crônica brasileira a outro *status*, elegendo-a como instrumento de crítica social, despindo essa manifestação cultural dos brilharecos pomposos de sua época.

Ele foi mais longe. Machado se utilizou da crônica como elemento de crítica de imprensa, desnudando os vícios e as virtudes do jornalismo do seu tempo.

Essa atuação pioneira do bruxo jornalista é o que constitui o livro *Machado de Assis, crítico da imprensa*, do jornalista, poeta e escritor brasileiro Marcos Fabrício Lopes da Silva, recém-lançado pela Outubro Edições.

Trata-se de pesquisa bem-fundamentada, originalmente tese de doutorado em Estudos Literários pela UFMG. No estudo, Marcos Fabrício mergulha na vertente pouco analisada do Machado cronista que encarava o jornalismo como instrumento de conhecimento e transformação social, ou uma “República do pensamento”.

É por meio da mundanidade da crônica, da «conversa vadia» que a constitui, capaz de unir «o útil e o fútil», que Machado elabora a crítica da imprensa de sua época, como cronista atuante em diversos jornais.

Marcos Fabrício se debruçou sobre esse vasto acervo refletindo a temática ampla e variada dos interesses de Machado. A pesquisa distingue duas fases do Bruxo do Cosme Velho.

Em ilusão e realidade, anseio pelo incerto amanhã; incerto para mim, para o meu Sancho (Sem) Pança, salvo da força para companheiro de infortúnio. Fiel servidor, defensor acérrimo, amigo da soneca cúmplice enquanto divago entre letras, minhas ou não.

Quero acordar. Abrir para o mundo perfeito que tanto desenho na imaginação, sabendo-o etéreo à partida.

Na primeira fase, revela-se o otimismo do escritor quanto ao papel emancipador e redentor da imprensa. Era a fase das “palmas”, em que Machado vislumbrava utopicamente a função social do jornalismo.

Na segunda fase, esse otimismo sofre uma inflexão, e Machado passa a encarar a imprensa, com sua crescente rendição ao sensacionalismo, com o rigor dos “piparotes”, isto é, dos cascudos.

Insurgindo-se contra a mística da objetividade e do factualismo, princípios que passavam a nortear o jornalismo de sua época, Machado propunha um projeto ético alternativo em que se levasse em conta as emoções e a subjetividade do jornalista. Esse projeto tinha como propósito estreitar a distância entre o cronista-jornalista e o leitor, através de uma linguagem sem rebuscamentos típica dos escritores do seu tempo.

Ao cronista, Machado atribuía a ação do colibri. Ao saltar de flor em flor, ou seja, de assunto em assunto, ele cobria um extenso arco de motivações da sociedade, desnudando suas relações de poder e injustiças. Essa era a nobre missão que recaía sobre o jornalismo, desvirtuada pelo jogo de interesses.

Neste sentido, Machado de Assis mostrou-se um crítico de imprensa *avant la lettre*, escancarando os muitos vícios que hoje se manifestam de forma flagrante no jornalismo.

O livro de Marcos Fabrício constitui, dessa forma, um passaporte para um universo pouco analisado do maior dos nossos escritores— o mais subversivo e o mais multifacetado de todos.

Soneto do Mês



ÚLTIMA CARTA

Enrique de Resende

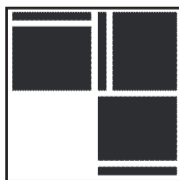
Envelheci... Na minha ingenuidade, sem que eu jamais o percebesse um dia, surpreenderam-me os anos... Em verdade, não sou quem fui, não valho o que valia.

Sempre afeito, porém, à fantasia, pois quem vive a sonhar não tem idade, povoam-me a cabeça, na invernia, os mesmos sonhos meus da mocidade.

Fluiu-me a vida, descuidosa e mansa, por entre sonhos de ilusões refertos, por entre poemas que, a sonhar, componho.

Vida de poeta – um sonho de criança. – Mas se em vida sonhei, de olhos abertos, é que eras tu a vida do meu sonho...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho, Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes, Kori Bolívia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 122 – janeiro / fevereiro 2024

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

POEMA DE ANDERSON BRAGA HORTA E TRADUÇÃO DE CURT MEYER-CLASON

NOX

É teu cone que se desloca lento e solene
sobre a esfera abrasada:
telescópio que a Terra aponta aos astros.
Contrária noite cúmplice:
sem teu não de negrume à luz radiante,
que saberíamos de estrelas?

NOX

Es ist dein Kegel der sich langsam und feierlich entfernt
auf der glutroten Sphäre:
Teleskop das die Erde auf die Sterne richtet.
Gegnerische mitschuldige Nacht:
ohne dein Nein der Schwärze gegen das leuchtende Licht,
was wüssten wir von den Sternen?

ANDERSON BRAGA HORTA

Eduarda Chacon Rosas

Anderson Braga Horta, homem sensível que nasceu
Sob o signo Poeta e com a benção de seu Deus
Orgulho em Minas e Brasília, brasileiro e universal
É tradutor de poesia, sorriso e lágrimas de sal

Iluminado e belo ser, premiado por merecer
É construtor de amanhã e visionário criador
Guardião de um Jabuti que conquistou por escrever,
Dedico a ti esse soneto inspirado no seu amor

O horizonte e as setas que apontam para o porvir
Testemunham o caminho para às estrelas conduzir
Entre invenções e tanto Espanto

Pulso de benzedor de cobras
Sempre há espaço para o encanto
Ao mergulhar em suas obras

POEMAS DE ANTONIO CARLOS SECCHIN

SONETO TRINTÃO

A um amigo, que observou: “Você escreveu 29 sonetos”.

Amigo, a inspiração anda faltando:
Por mais que eu ponha tinta na caneta,
Caí nas artimanhas de um capeta,
Que bota a minha musa em fogo brando.
Eu me concentro na clausura, monge
Esperando a bendita inspiração.
Enfim a musa! Surge lá de longe,
Porém chegando perto eu ouço: “Não”.
Mergulho na lição dos alfarrábios,
Quem sabe neles, nesse antigo mar,
Encontre a voz ausente dos meus lábios?
Nada existe que possa consolar:
Vazio igual assim não há quem sinta.
Mas, bem ou mal, deu pra chegar ao 30.

UM DESPREFÁCIO

“Há perigo do livro ser fracasso?”,
Me pergunta um poeta de sucesso.
Não me agrada firmar tal compromisso,
Mas ele insiste em não largar o osso.

Modestamente crê-se gran colosso,
Apesar da espessura de um caniço.
Tento escapar, e assim eu lhe confesso:
“Um prefácio não posso, aceita um abraço?”

Chega a resposta, em forma de um soluço:
“Poesia é meu espelho... eu me debruço
Sobre mim mesmo, e aguardo o seu endosso.

Tem meu livraço o seu louvor por isso?
Meio sem graça, então me calo e peço
para Deus me poupar do calhamaço.

POEMAS DE ANTONIO SOUZA PRUDENTE

A VIDA NA TERNURA DE TUAS MÃOS

Sei que procuro construir a vida,
como meu patrimônio verdadeiro,
deixando a todos a melhor guarida,
com a gloriosa marca de guerreiro.

Já sei como esta luta é tão sofrida,
neste caminho breve e passageiro,
pois se temos a terra prometida,
foi por sempre lutar no tempo inteiro.

A vida só nos traz felicidades,
quando o amor abraça a fraternidade
e nos leva a pensar com o coração.

Por isso, a vida busca a igualdade,
para que todos tenham dignidade,
partilhando a ternura de tuas mãos.

O TEMPO E A VIDA

O tempo chega e foge, de repente,
sem nos deixar fazer o que é devido,
nesse espaço de tempo tão premente,
que se tentar correr não tem sentido.

O tempo sempre anda em nossa frente
e nunca espera para ser ouvido,
pois quando o tempo foge, infelizmente,
tudo que não se fez ficou perdido.

O tempo não nos deixa andar à toa
e por isso se diz: o tempo voa,
para que não fiquemos sem ação.

O tempo não atrasa e a hora soa
para nos alertar que a vida é boa
e não morrer nas tramas da ilusão.

SENHOR, A NOITE VEIO E A ALMA É VIL*

Vitorino de Sousa

Por que me sinto – ó Deusa – tão longe de ti
que, clara e florida, alegras quem curas
com o teu carinho suave e ameno?

Será por causa das mágoas que vivi
neste mundo agreste, frio e obscuro?

Será porque não senti a tua ausência
Por viver cercado de coisas impuras?

Porque estas horas são inseguras,
Quero invocar aqui a tua essência.

Aguardo o dia em que, sereno,
voltarei a inspirar as ondas puras
da tua brisa, fresca e sem veneno.

*O título deste poema é o primeiro verso de "Prece",
o 12º poema do capítulo "Mar português" do livro
Mensagem, de Fernando Pessoa.

VERSOS EM ALTO MAR

Nirton Venancio

Em 1938, o jovem de 24 anos Marcus Vinicius da Cruz de Melo Moraes, o futuro 'poetinha', ganhou uma bolsa do Conselho Britânico para estudar língua e literatura inglesas na Universidade de Oxford.

Em setembro daquele ano, a bordo do navio Highland Patriot, escreveu o belamente dolorido "Soneto de separação", motivado pela saudade da namorada Tati, que se tornaria sua primeira esposa.

Os versos partem de uma ausência, e não exatamente de uma ausência que nos parte quando, "de repente, não mais que de repente", se faz "triste o que se fez amante". Mas

por licença poética, e desespero de causa mesmo, se conjuga nas duas ausências... quando se faz "da vida uma aventura errante".

Vinicius saltava sem rede de proteção em todos os seus relacionamentos. E tornava-se afetivamente dependente e incurável. Toda sua poesia cauciona essa dedicação e arrebatamento. Afinal, aquela a quem se ama "é como o pensamento do filósofo sofrendo", delineia no poema "A brusca poesia da mulher amada", também de 1938.

Quando morava em Itapuã, nos anos 70, o poeta chegava às vezes ao atelier do amigo Carlos Bastos, amuado e deprimido. O artista plástico, preocupado, via naquele sessentão

um adolescente apaixonado. Dizia para não se entregar tanto, "se distancie um pouco para amar melhor". Mas Vinicius queria apenas ser ouvido, com carinho, não escutar conselhos. A obstinação sentimental do poeta era parte essencial do amor, como insumos para amar "muito e amiúde" e "morrer de amar mais do que pude".

E no amor, como no samba, é preciso um bocado de tristeza, senão, não se faz um samba não.

Em 2023, 110 outubros de seu nascimento. Imortal, posto que é chama.

VIEIRA NA ILHA DO MARANHÃO, DE RONALDO COSTA FERNANDES

Arnaldo Godoy

O romance histórico é um gênero difícil para quem escreve. E é um gênero delicioso para quem lê. Há problemas historiográficos por vezes intransponíveis, o que exige ousadia de romancista. E há problemas de composição literária também intransponíveis, o que exige método de historiador.

Segundo Ana Miranda, que se destaca no gênero, ficcionistas são historiadores que fingem mentir, e historiadores são ficcionistas que disfarçam dizer a verdade. O autor do romance histórico é um historiador com imaginação ilimitada e, ao mesmo tempo, um romancista cuja fantasia é pautada pelo tempo que descreve.

O romancista-historiador é submisso aos constrangimentos do anacronismo e do presenteísmo. Precisa escrever como se falava (ou se escrevia) na época. Mas necessita também ter em mira o auditório universal do tempo no qual vive. Um paradoxo: escrever na língua dos mortos e ser compreendido na língua dos vivos. Como fazê-lo?

Em *Vieira na ilha do Maranhão* Ronaldo Costa Fernandes vence todos esses obstáculos. É rigoroso com a história e é generoso para com a narrativa. O livro explora as ambiguidades do Padre Antonio Vieira (1608-1697). Porém, o jesuíta, ainda que nuclear na trama e colocado no título, não é efetivamente o personagem central do livro. Mas, quem é o personagem central desse delicioso livro?

O personagem central é formado por miríade de personagens, poucas reais, porém meticulosamente descritas, e outras, incontáveis e imaginárias, e também meticulosamente criadas e descritas. O autor compôs com competência um quadro descritivo de quem poderia ter vivido em São Luís ao tempo em que o jesuíta lá esteve, por volta de 1650.

Data de 1653 o “Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma”, conhecido pela tentativa de Vieira de convencer os proprietários locais para que libertassem os índios, que viviam escravizados. Trata-se do grande problema que Vieira enfrentou, e que é um dos panos de fundo desse impressionante livro.

Nesse sentido, o argumento é também substancialmente atual: qual a relação do colonizador (sic) com o colonizado? Nesses tempos de revisionismo, tudo suscita debate apaixonado. Não é à toa que se quebram estátuas e se reescrevem nomes de ruas e de pontes.

O autor explora com inteligência as imprecisões do Padre Vieira. O jesuíta combatia a escravidão dos índios, porém era a favor da escravatura negra: “o argumento do padre continha elementos de teologia (...) Era preferível que se aprisionasse, pusesse os gentios africanos em barcos insalubres e tumbeiros e os trouxesse para a nova terra do Brasil do que os dispusesse Deus em seus rituais bárbaros, perdidos na selva e na fé. Cativos, postos em ferro, tinham a liberdade da alma (...) podiam morrer em paz e batizados, mesmo que o corpo pertencesse não a Deus, mas a seus donos”. Difícil explicar hoje esse pensamento.

A ênfase no contraste é o núcleo da prosa barroca, e o autor descreve o pensamento de Vieira, no contexto e na forma argumentativa que o padre certamente utilizaria, ou que de fato tenha mesmo utilizado. A leitura do romance pode ser ampliada com a leitura dos estudos de Alcir Pécora, professor da Unicamp e especialista em Vieira.

A Inquisição também está no livro e, em se tratando de Vieira, não poderiam faltar as profecias de Gonçalo Bandarra (1500-1556), o sapateiro-poeta-profeta que tanto incomodou, inclusive a Fernando Pessoa. Há descrição de delitos alcançados pelo Santo Ofício, reais ou imaginários, e o leitor parece ter em frente *O trópico dos pecados*, de Ronaldo Vainfas, ou mesmo as célebres *Confissões da Bahia* que Vainfas reuniu e publicou.

Há também vários temas laterais, porém de importância superlativa. O autor explora tópicos de censura, de práticas genocidas, de transposições culturais, de comportamento sexual, de canibalismo, de medicina colonial, de justiça canônica. Descreve, com pormenor, a antropofagia: “Os mais gordos são os mais apetitosos e desejados, deixando escorrer na grelha a gordura que, salgada, é um acepipe único (...) há quem prefira as entranhas. O fígado é por demais apreciado. O coração o disputam por ser o centro da máquina do corpo

e ter fama de dar coragem ao guerreiro. Moqueiam e assam”.

O mais fascinante no livro é o desfile de personagens. O leitor tem a impressão de que está sentado em uma praça, e todos desfilam, com seus problemas, dilemas, características, complexidades: Antonio Porqueiro, Jorge Sampaio, Frei Virgílio, Padre Carcavaz (que cultivava um gosto pela Inquisição), Vicentina (e seu caso com Maria a Lavadeira), Ritinha, Mendonça (emboscado por dois índios que o flecharam), Seu Agostinho, Pedro Nogueira, Dom Aragão, Manuel de Lima, Padre Ambrósio (que entendia de Bíblias e não de enfermidades seculares), Jacomé, Tomás Pires Tavares, Olegário, e tantos e tantos outros.

Há também Rui (que fazia as vezes de médico, prático, que não conseguira estudar na Catalunha ou em Coimbra). Lera Galeno, Hipócrates e Avicena, explorava a biblioteca dos jesuítas, onde estudou os livros de Antonio da Cruz e de Antonio Ferreira, que eram operadores, bem como estudou os clínicos, que o autor sintetiza em Zacuto Lusitano e Ambrósio Nunes. Será que existiram?

Zacuto Lusitano (1575-1642) de fato existiu, foi médico, era de origem judaica, nasceu em Amsterdam, mas não conseguiu comprovar se viveu no Brasil, embora perseguido pela Inquisição, o que poderia justificar sua presença entre nós. Porém, ainda que por aqui tivesse passado, teria morrido cerca de dez anos antes da chegada de Vieira a São Luís. Um mistério na narrativa, que somente pode ser esclarecido por uma crítica genética implacável e obsessiva ou pelo testemunho do autor. Melhor: o leitor que imagine. Sabe desde já que a pesquisa do autor foi incansável.

Há também no romance traços de surrealismo, quase imperceptíveis, e quase borgeanos, a exemplo de um certo macaco “fêmea, branca, de cabelos alourados e ralos, olhos assustados, sem pelo nos braços e pernas”. Num determinado momento o leitor sente que não precisa mais catalogar todos os personagens, porque, como na vida real de uma cidade, há vidas independentes. Em algum momento o leitor preocupa-se apenas em apreciar as figu-

Continua na pág. 6

ras que desfilam no livro e intuir um pouco sobre suas vidas. É transportado no tempo. O autor o cativou totalmente. A única escapatória é ler até o fim, e com vontade de começar de novo.

O leitor acompanha Vieira, despede-se do padre que embarca de volta para Portugal no “Sacramento”, pressentindo o que o esperava. Há, mais à frente, uma cena apocalíptica que lembra o fim de *Os Sertões*. Havia três

mortos, falecidos pela fome e pela miséria e pela secura da fonte de vida que era os seios de uma mulher (Juliana). Barrocamente, uma criança de boca aberta, sedenta e faminta, é contrastada com um homem que se agarra a um peito descarnado. O jogo de ideias e o dualismo não podem ser maiores. Tudo muito barroco.

Vieira na ilha do Maranhão, de Ronaldo Costa Fernandes (maranhense, radicado

em Brasília, da Academia Brasileira de Letras, e também da Academia Maranhense de Letras, sucedendo a Josué Montello), é, ao mesmo tempo, uma aula de história colonial e um passeio perspicaz e compreensivo por um tempo cujas contradições e ambiguidades marcam radicalmente nossa cultura e costumes.

SONHOS ELUSIVOS

Gilmar Duarte Rocha

Subi e desci morros; atravessei o deserto; deparei-me com um oásis; mas no oásis não havia água, estava tudo seco. Vi um túnel estreito ao lado do oásis e vi que havia uma luz avermelhada no fim do túnel. Saí no fim do túnel e deparei-me com a estrada de cor magenta que me levava direto até Jericó. Vi uma grande muralha separando o deserto da cidade e vi Josué com homens armados até os dentes, todos eles portando enormes trombetas e tocando os instrumentos com muita força, e um imenso barulho pôs abaixo a grande muralha que separava o deserto da cidade, em questão de minutos. A muralha se desintegrou e virou farelo. Os homens de Josué avançaram e eu os segui. Ansiava ver as águas azuis do Mediterrâneo, mas só vi matéria orgânica vermelha espalhada em todo o lugar. O que era dia virou noite de repente e o sol da madrugada se escondia da pirotecnia enlouquecida. Tudo era destruição e morte... Oh! ... De repente eu acompanhava Moisés que seguia em procissão através de um túnel aberto no mar Vermelho, fugindo de milhares de esfinges com focinho e lancinantes dentes de sabre. Moisés com sua longa barba branca e o seu potente cajado nos guiava e parecia que estávamos levitando através daquele enorme vácuo submarino. Quando ele viu a saída do túnel, bateu o cajado no solo do mar seco e as águas do Mar Vermelho engoliram as sanguinárias esfinges. Chegamos finalmente à saída do túnel e não nos deparamos na Terra Prometida e sim num universo de areia e solidão margeado por enormes construções de vidro e concreto e torres de petróleo. Moisés, enlouquecido, subiu na primeira grande duna de areia; entrou em transe e proferiu 1.114 mandamentos. Nenhum deles falava de paz... Oh! ... Do outro lado do universo de torres e riquezas, além do Golfo Pérsico, o Rei Davi enfrentava

um gigante que não era filisteu, que não era de nenhuma raça semítica, que possuía olhos amendoados e que representava uma raça com mais de um milhão de soldados. Eles tinham a chave para o controle do mundo. Eles tinham Gengis Khan como rei. Eles tinham conhecimento de tudo. Eles se comportavam como autômatos... Eles iam dominar o mundo. O rei Davi ajoelhou-se nas areias abrasivas do deserto, clamou para os céus e chorou... Oh! ... Como num passe de mágica, eu fui parar num castelo medieval de aproximadamente 10.000 metros quadrados, perto da região dos Alpes suíços. Tinha de tudo nesse castelo. Na realidade era um palácio real egrégio, pleno de pedrarias, ouro, prata, diamante, rubi, uma riqueza sem fim. Degustavam-se os melhores vinhos de França, Domaine de la Romanée, Domaine Leroy Musigny, Domaine Leflaive Montrachet, Egon Muller. Sentava-me ao lado do rei e desfrutava da companhia de Brigitte Bardot, Anita Ekberg, Catherine Deneuve, Cláudia Cardinale, Ava Gardner, Anna Magnani, Jane Fonda, Michelle Pfeifer, Júlia Roberts, Ana de Armas. Perguntei ao rei se poderia compartilhar o paraíso a vida toda. “Você já leu a obra de John Milton?”, ele me perguntou. Não havia lido Milton, o cego e pragmático, havia lido Dante, o poeta e visionário, em cuja obra o diabo não tem vez... Oh! ... Catapultado para as terras de Tio Sam, tentei entender por que os descendentes dos anglo-saxões brigavam eternamente entre si e com o resto do mundo. Resolvi tirar essa dúvida diretamente com Abraham Lincoln. Abe me respondeu com um velho e conhecido bordão: “O ouro afunda no mar, madeira fica por cima.” John Wilkes Booth não sabia disso. O Fort Knox não foi construído à toa. Deus salve a Rainha e Tio Sam... Oh! ... De repente caio num ringue de UFC e estou escalado para lutar contra o Minotauro, a Medusa, Pando-

ra, Tifão, Cronos, todos ao mesmo tempo. A quem pediria ajuda? A Zeus? Escolhi Cassius Clay, o imbatível. Cassius me ajudaria, na pessoa de Muhamed Ali. 1,2,3,4,5,6...,8... Cassius (ou Ali) permanecia desacordado no ringue e eu não sabia a quem recorrer. Estava acuado nas cordas. De repente aparece frei Damião, mais envergado do que nunca, e bate o seu cajado três vezes no tablado. Todos os seres malignos contra quem lutava desapareceram de vez. Evaporaram no ar. Virei para o religioso e indaguei: “O que o senhor fez para destruir todos esses seres do mal?” O frade saía de fininho do ringue e antes de desaparecer na multidão, virou para mim e disse: “Tenha um pouco de fé, meu rapaz...” Oh! ... Liberto Dom Quixote de Cervantes e saio pelas pradarias da Ibéria tentando ensinar-lhe o que é certo e o que é errado; o que existe de verdade e o que é ilusório. O cavaleiro de miolo mole parece não entender nada e, ao contrário do que eu pretendia, ao invés de ficar lúcido, começa a dizer sandices, uma atrás da outra. “Você é da Terra do Sol? Onde Deus e o Diabo vão terminar a peleja?”, perguntou-me o homem de La Mancha. Fiquei sem argumentos. Não sabia o que responder, nem o que fazer com aquela criatura insana. Devolvi-o imediatamente às páginas do livro do escritor de Alcalá de Henares... Oh! ... Então vi Salomão, em Jerusalém, nos seus últimos dias de vida, rodeado de uma prole imensa de filhos, netos e agregados. Escrevia o seu último livro. Perguntei-lhe para que serviam aquelas páginas que ele chamava de *Eclesiastes*, pois o que se continha naquelas linhas tortas parecia uma espécie de delírio, confissões de um senil, ou coisa que o valha. “Algum dia alguém vai entender essas minhas palavras, ó ímpio”, o último grande rei dos judeus me respondeu sucintamente. Acordo...

A VACINA DAS GALINHAS

Sandra Maria

Meu pai adorava nossa fazenda no município do Guapó, perto de Goiânia. Morreu lá. Tinha o nome bonito de Mata da Posse. Foi comprada de “porteira fechada”. A casa veio totalmente mobiliada. Depois que mamãe morreu (papai já tinha partido), dividimos os móveis e os pertences. Por concordância unânime dos meus irmãos, eu fiquei com a estante do papai, que ele já tinha antes de comprar a fazenda, mas que esteve lá por toda a vida. Ela está, hoje, maravilhosamente mobiliando minha sala de visita. De madeiras misturadas, diferentes em coloração, com quatro portas de vidro deslizantes, é uma peça sem nenhum valor econômico, mas é a estante do meu pai que eu adoro ter comigo, com meus livros e muitos que eram dele.

Papai gostava muito de nos levar para a fazenda. A gente andava muito a cavalo, cuidava do jardim, ajudava na cozinha, fazia queijo, derretia queijo fresco na trempe e assava milho verde nas brasas do fogão a lenha, ajudava a preparar frutas para fazer doce, cuidava das galinhas, tirava leite de vaca (pelo menos um copo), brincava de personagens imaginários (minha irmã do meio era Menegildo — e ainda é, pois a brincadeira continua

até hoje — a irmã caçula, Menefredo e eu, a mais velha, Menetauro). Na verdade, não me lembro da origem de nossos nomes fictícios.

Brincávamos de muitos jogos como dama, palito, torrinha, bilboquê, finca, ordem, baralho.

Como eu gostava muito de ler (até mesmo à noite no tremor da luz de vela), eu só era chamada para ser parceira em jogo de buraco em ultimíssimo caso. Ficava lendo durante a rodada e, quando chegava a minha vez, fazia besteira. Qualquer parceiro ficaria furioso mesmo.

Uma de nossas idas à fazenda coincidiu com a época de vacinar as galinhas e elas eram, então, presas em um quarto vazio no barracão de serviço, perto do terreiro. Não havia energia, por isso a tal da vacina era tão complicada. O quarto tinha apenas uma porta de madeira e uma janela, também de madeira, que não tinha tela nem grade nem vidro. Quando fechadas, breu total. Nesse dia de vacina, quando meu pai me perguntou, pela primeira vez, se eu queria participar, fiquei surpresa, pois era sempre um serviço realizado por homens, mas eu disse que sim. Então, ele me ofereceu a opção de vacinar ou pegar, uma a uma, as galinhas, já fechadas no tal cômodo. Como eu não gosto de agulha nem de costura, decidi

por pegar as galinhas. Você consegue imaginar as penosas em alvoroço em um quarto escuro? Não, não consegue não. Eu entrava, fechava meus olhos (vai que alguma voasse e me arranhasse os olhos?) e ia balançando os braços para qualquer direção (dei algumas cabeçadas nas paredes) e agarrava a primeira que me encostasse. Mais difícil foi no fim quando restavam poucas, mesmo com o papai segurando a porta entreaberta para entrar um fiapo de luz e receber a galinha da vez. Eu corria como uma desvairada, mas as restantes já estavam espertas. Perceberam que quem ia não voltava e era melhor se precaverem. Elas se esquivavam e corriam e voavam e gritavam como loucas. Confesso que foi uma luta!

Após a última galinha ser vacinada, eu, vermelha como um pimentão, com os braços e o rosto arranhados, titica de galinha por todo o corpo, o cabelo desgrenhado (desde pequena mamãe já chamava meu cabelo de beirada de rancho...), exausta e imunda, recebi de meu pai um elogio incomum e um tanto esquisito:

— Muito bem, minha filha! A gente tem que ser macho!”

(Tradução: mulher pode e deve fazer tudo que homem faz.)

POEMAS DE THAIS POMPÊO

CAMUFLAGEM

Esconderam sorrisos
nas máscaras
Enquadraram rostos
nas telas
Enclausuraram corpos
nas casas
Enterraram planos
no futuro dúbio

Despiram braços
de abraços
Tiraram o pulso
dos dias

A vida se fantasiou de morte
Para despistá-la.

No mesmo barco,
cada um ilhado em sua casa

Portas fechadas
Cortinas abertas
emoldurando as ruas vazias

Reféns de suas próprias escolhas
ou da falta delas

Camuflado
o inimigo não atira, sufoca

Antigos aliados,
hoje assassinos potenciais.
Tudo é ameaça
o ar, a mesa, o outro

JUNTOS

Paranoicos solidários
o abraço virou som
e o beijo é na tela

Máscaras
apagam sorrisos
e amparam lágrimas

Planos pausados
medo da morte

Sorte
é sobreviver.

2021

No meu primeiro Carnaval
não teve Carnaval.

Só baile de máscaras.

A QUEDA DE GEORGE ORWELL

Ana Maria Lopes

Caiu em domínio público. Qualquer editora pode publicar o homem que escreveu *1984*, a *Revolução dos Bichos*, dezenas de outros livros e centenas de artigos e ensaios.

A notícia fez com que quatro editoras brasileiras se debruçassem sobre as obras de Orwell. Não sem motivos. Além da qualidade e da importância de suas obras, o autor vendeu – em um ano — mais de sessenta mil exemplares no Brasil. Números que fazem qualquer autor brasileiro roer as unhas até os cotovelos.

Orwell escrevia distopias literárias para compreender o presente. Narrativas surreais, mas, no entanto, igualmente lógicas e atuais.

Nasceu com o nome de Eric Arthur Blair, na Índia britânica, em Motihari. Adotou, como pseudônimo, o nome do rio Orwell, que deságua no sudeste da Inglaterra. Estudou, segundo ele, na “mais cara e esnobe das escolas públicas inglesas”, a Eton School. Foi na Eton que Orwell teve aulas com Aldous Huxley.

Sua vida foi agitada. Alistou-se e lutou na Polícia Imperial da Índia. Ali ficou tempo suficiente para começar a detestar o imperialismo britânico. Cinco anos depois, larga toda sua carreira militar e muda-se para Paris. A França lhe deu inspiração para escrever. Escreveu muito e destruiu tudo. Acreditava que

faltava qualidade em seus escritos.

Passou fome, viveu nas ruas e conheceu o submundo parisiense. Mas, em 1933, intermediado pela gaúcha Mabel Lilian, filha de ingleses, lança seu primeiro livro – *Na Pior em Paris e Londres* – com o pseudônimo George Orwell. Sua ligação com a brasileira que morava em Londres lhe rendeu apoio e contatos profissionais. Ela passou a ser, também, amante e intermediária de Orwell com o pai, que o criticava por ter trocado a vida militar pela boemia.

Seu passado militar falou mais alto quando resolveu se engajar na Guerra Civil Espanhola, onde levou um tiro na garganta.

“Tornei-me pró-socialista mais por desgosto com a maneira como os setores mais pobres dos trabalhadores industriais eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada”.

Nesse tempo, entra para o Partido Operário de Unificação Marxista.

“A humanidade precisa se libertar do conceito de Deus e do Diabo, e admitir que ela mesma faz o bem e o mal.” Seus livros causam perplexidade e sucesso. Na sua lista de admiradores está Anthony Burgess, que escreveu, influenciado pelo livro *1984*, *Laranja Mecânica*. Burgess considera o livro de Orwell, uma das cinco distopias mais importantes da lite-

ratura.

David Bowie foi outro admirador. Sua intenção, ditada na revista *Rolling Stones*, em 1974, era a de transformar *1984* em um musical para a TV. Não deu certo.

Após a posse de Donald Trump, em 2017, esse livro bateu recorde de vendas na Amazon. As vendas tiveram um aumento de 10.000%.

1984, escrito no ano de 1949, teve outra venda recorde quando Edward Snowden revelou o fato de os Estados Unidos estarem monitorando líderes mundiais.

O mundo gosta de distopias.

George Orwell morreu longe dos campos de batalha. A tuberculose acabou com sua vida em 1950, quando o autor tinha 46 anos.

O Brasil é signatário da Convenção de Berna, que estabelece que os direitos autorais sobre as obras terminam setenta anos após a morte do autor. Esses direitos patrimoniais entram em domínio público.

Neste ano de 2024, outro autor, esse fundamental para a literatura brasileira, cai também: Graciliano Ramos.

Em um mundo distópico, as editoras começam a corrida para reeditar os dois autores. Nesse embate por obras tão magníficas, ganhamos todos.

JOSÉ JERONYMO RIVERA

REFÚGIO

Pelo deserto imenso e amargo de existência,
Procuo em vão amor, carinho e
compreensão;

Errante peregrino e desejar a essência
Sutil de um sentimento, o ardor de uma
paixão.

E entanto, embora alegre e calmo na
aparência

O meu viver é triste, e dói-me a solidão.
Punge-me eternamente a cruel inclemência
De um destino fatal, de fatal maldição.

Mas já na imensidão brilha um raio de luz!
Ao naufrago perdido, uma nova esperança
Cintila no oceano implacável, enorme...

Teu olhar é o farol que ao amor me conduz.
Teu coração, a enseada onde em paz e
bonança

Minha alma sofredora encontra abrigo — e
dorme!...

MÃE

Quando, em meio à tristeza desta vida,
Eu me vejo sozinho e abandonado,
Sentindo o coração pulsar, cansado,
— Mortas as ilusões, e a fé perdida;

Quando, ansioso, procuro no passado,
No ideal que sonhei — visão sentida,
Um consolo à minha alma dolorida
— Um pouco de carinho ao desgraçado,

Vejo um vulto celeste e silencioso
Chegar-se a mim, beijar-me a fronte
exangue,
Banhando-me de luz e suavidade...

És tu, ó mãe querida, o anjo bondoso
Que me secas as lágrimas de sangue
A brotarem da fonte da saudade...

ARTE E TÉCNICA DA FUGA

Enéas Athanázio

É afirmação cediça que todas as pessoas têm problemas ao longo da existência. Tais problemas, em regra, provocam sofrimento, mas, como disse o poeta, quem nunca sofreu só passou pela vida, não viveu. Mais ou menos graves os problemas, as pessoas são forçadas a enfrentá-los e aí as formas variam. Algumas enfrentam de frente, de peito aberto, às vezes se dão mal; outras procuram contemporar e a situação se resolve ou se agrava; outras tantas tratam de encontrar uma forma de fugir e se esquivar deles.

Essas observações me ocorrem após a leitura da novela *Três Cidades*, de autoria do escritor mineiro radicado em Brasília Napoleão Valadares (André Quicé Editor – Brasília – 2023). O volume tem excelente feição gráfica e contém um texto compacto dividido em três tópicos, uma vez que a novela literária não deve conter capítulos, como ensinava Agripino Grieco secundado por Monteiro Lobato. Escrito em linguagem correntia e direta, não existem diálogos, pelo menos assim configurados, mesmo porque o personagem conversa com poucas pessoas no correr dos fatos. Dialoga muito mais consigo próprio e não dá sinais de sofrer com a própria situa-

ção, ainda que essa conclusão se imponha aos olhos do leitor.

Não concluí com firmeza se o personagem é medroso ou comodista, mesmo acompanhando passo a passo suas andanças por três cidades diferentes. Na primeira delas, o pequeno burgo natal, ele vive enrustido, fechado num casulo, até fugir. Por coincidência, viaja no mesmo ônibus em que se encontra o próprio pai, embora não se vejam nem se falem. Não parecem rompidos, mas estão distanciados, tanto que ele não procura encontrá-lo, mesmo não tendo dinheiro nem para um cafezinho na escala do veículo. Assim, fechado em si, ensimesmado, ele deixa a terra natal e desaparece como quem completou a primeira instância. Na cidade seguinte, um tanto maior, surgem problemas mais graves, inclusive o envolvimento involuntário com a amante do delegado. A situação se complica, surge até o risco de uma morte de encomenda, e ele põe em prática sua habilidade – foge. Vencida a segunda instância, vai dar na cidade grande e aí vive os melhores momentos da novela, compartilhando uma barraca com alguns bêbados que sobrevivem da lavagem de carros. Consegue um emprego e conta com a simpatia do patrão, mas as coisas se complicam e ele apela para o costumeiro recur-

so – rápido e sorrateiro, desaparece. Assim completa sua escalação e vence a derradeira instância. Inadaptado, desajustado, fugitivo permanente, nunca se queixa ou se revolta. Conformista, parece aceitar os seus fracassos. “Peguei minhas coisas e saí. Tranquei por fora, joguei a chave por cima do portão e fugi mais uma vez...”

Narrada em primeira pessoa, a novela nos leva a perambular com o personagem por ceca e meca, sem destino ou esperança. Uma leitura que prende e encanta.

Napoleão Valadares é autor de uma obra vasta e variada, mereceu diversas premiações e pertence à Associação Nacional de Escritores (ANE), da qual foi presidente.

Encerro com a observação de que Napoleão Valadares, além de ficcionista, é pesquisador e ensaísta. Entre suas obras fora da ficção, publicou o curioso livro *Os Personagens de Grande Sertão: Veredas*, de autoria de Guimarães Rosa (André Quicé Editor – Brasília – 1982). Trata-se de um levantamento caprichoso das incontáveis figuras que povoam o monumental romance, seus nomes, origens, funções e atividades no bando de Riobaldo e fora dele. É um precioso ajudante para quem deseja se aprofundar no estudo dessa obra monumental do mineiro de Cordisburgo.

MACHADO DE ASSIS EM LUZIÂNIA

Vera Lúcia de Oliveira

Machado de Assis não viajou. Não conheceu o Brasil nem o mundo. Mas o fez em sua poderosa imaginação, por meio de seus personagens: Brás Cubas flanou um tempo pela Europa, o conselheiro Aires serviu como diplomata em vários países, Bentinho exportou Capitu e o filho Ezequiel para a Suíça, o Dr. Simão Bacamarte viveu e estudou na Espanha, e muitos são os exemplos das idas e vindas de personagens em seus contos e romances. Assim o fez no conto “A parasita azul”, de 1873, de *Histórias da meia-noite* (RJ: Nova Aguilar, *Machado de Assis*. Obra Completa, vol. II, 1979).

Nesse conto, o moço Camilo Seabra sai da fazenda do pai, o comendador Seabra, no município de Santa Luzia (hoje Luziânia), Goiás, para estudar em Paris. Isso por volta de 1845, quando contava dezoito anos. Não é preciso muito esforço para imaginar o que isso significou naquele tempo. A então Pro-

víncia de Goiás encontrava-se no mais completo isolamento neste imenso Brasil. E Paris já era a capital do mundo.

Pois essa foi a história que o não-viajante Machado (que nunca cruzou as fronteiras de seu estado natal, Rio de Janeiro) resolveu nos contar. Vamos a ela.

O moço, filho de pai rico, acompanhado do padrinho francês – um naturalista que viveu na região, a quem o comendador se afeiçoou e deu-lhe a batizar seu único filho, cujo nome homenageava o valoroso soldado e depois tribuno romano, nome que o padrinho buscou nos seus alfarrábios de poeta. Encarregou-se de acompanhar “o valoroso soldado goiano” em seus estudos em Paris. Quis a boa estrela, diz o narrador, que o padrinho passasse desta para a melhor deixando o moço como o Diabo gosta na cidade de mil perdições, levando vida de nababo.

Após oito anos, foi intimado pelo pai a regressar ao Brasil; contrariado, despediu-se

da boa vida e retornou. Desceu do navio no Rio de Janeiro como quem ia para o cadafalso ou como Napoleão chegando à ilha de Elba, exilado. Deu adeus à bandeira da França no navio e foi amuado para o hotel. Achou a cidade tacanha e preparou-se para seguir viagem até Santa Luzia. A viagem foi um choque cultural. Um tédio mortal no lombo de um cavalo; dias e dias sem ver viva alma. O coro da ópera que ouvia era do canto dos sapos nos ermos do imenso país, uma grande fazenda deserta naquela época.

Mas é preciso dizer o que foram aqueles oito anos na capital do mundo, como era chamada a cidade que enfeitiçou o moço goiano. Virou peixe na água:

“(…) A escala toda dos prazeres sensuais e frívolos foi percorrida por este esperançoso manco com uma sofreguidão que parecia antes suicídio. Seus amigos eram numerosos, solícitos e

Continua na pág. 10

constantes; alguns não duvidavam dar-lhe a honra de o constituir seu credor. Entre as moças de Corinto era o seu nome verdadeiramente popular; não poucas o tinham amado até o delírio. Não havia pateada célebre em que a chave dos seus aposentos não figurasse, nem corrida, nem ceata, nem passeio, em que não ocupasse um dos primeiros lugares cet aimable brésilien (p. 163).

Estudou, sim, e até conseguiu formar-se médico. Porém, o que o pai jamais soube é que se tornara um grande pândego, pródigo a valer. Gastava fácil porque ganhava fácil. O dinheiro lhe chegava sem que soubesse como fora obtido. Ou seja, para ele, era uma condição natural ser rico e receber farta mesada. Não cabia, nem lhe passava pela cabeça, indagar dos negócios do pai. Vemos aqui uma crítica de Machado à classe ociosa, aquela que, segundo a teoria do economista norte-americano Thorstein Veblen (1857-1926), colhe onde não plantou. Crítica presente, por exemplo, no mimado Brás Cubas. Quando o narrador diz que Camilo, até sair da casa paterna, nunca vira terra que não fosse sua, deixa implícito que o pai era latifundiário, sistema vigente no vasto estado de Goiás (e de resto em quase todo o país), em que proprietários de terras viviam do trabalho escravo, melhor dizendo, de escravizados – que não aparecem na história. São os trabalhadores invisíveis. Esse implícito, em geral contendo fina ironia, é um traço importante em toda a obra machadiana.

Fica implícito também na cena do jantar comemorativo da Festa do Divino em Santa Luzia que eram todos do partido conservador:

"(...) A festa era o objeto da geral conversa, entremeadada, é verdade, de reflexões políticas, em que todos estavam de acordo, porque eram do mesmo partido, homens e senhoras." (p. 180).

Não havia, portanto, espaço para opositores. Esse jantar, além da ironia do narrador quanto ao discurso laudatório ao dono da casa – uma das melhores passagens do conto – e motivo de humor quando observamos o “intrépido orador” (tipo frequente na obra do

autor), o Major Brás, que prometera ser muito breve, já falava “há cerca de vinte e cinco minutos com grande mágoa do Padre Maciel, que namorava de longe um fofo e trêmulo pudim de pão,” (...) (p. 181). Assim, em torno da mesa farta do Imperador da Festa do Divino Espírito Santo, Tenente-Coronel Veiga, encontravam-se “todas as notabilidades do lugar, o vigário, o juiz municipal, o negociante, o fazendeiro” (p. 180) em grande harmonia. Eram os representantes do poder constituído do Brasil, como o dos militares, dos políticos e com a forte presença da Igreja, que nessa noite fraquejava pelo pecado da gula...

Machado de Assis, carioca que nunca viajou pelo Brasil, como dissemos, com certeza soube da tradicional Festa do Divino em Santa Luzia (que agora completou 246 anos), cuja tradição remonta ao século 18, desde a fundação da cidade pelo bandeirante paulista Antônio Bueno de Azevedo, em 13 de dezembro de 1746 (dia de Santa Luzia); este que ali chegara à procura de ouro – e muito encontrou, fundou a vila, depois emancipada em município. Era o ciclo do ouro.

Assim, no conto, o narrador nos fala da preparação para a tradicional festa em homenagem ao Divino Espírito Santo, que ocupa todo o quarto capítulo, “A festa”. Camilo admirou-se do contraste entre os costumes mundanos de Paris e de sua pequena cidade tão religiosa. Há uma intenção em mostrar os dois mundos do moço que, após entediar-se na fazenda do pai, aos poucos, começa a conviver com a gente amiga do local, readaptando-se à vida no campo. Mas o verdadeiro motivo tem nome de mulher: Isabel, moça misteriosa, como outras personagens femininas do autor, sobretudo Helena e até a espevitada Iaiá Garcia, que ainda viriam nos romances homônimos. (Sem falar em Capitu, a esfinge.)

A entrada de Isabel em cena surpreende o leitor pela quebra de expectativa, uma vez que se espera que a jovem de dezoito anos se apaixone – e demonstre essa paixão – pelo belo moço, médico (que não trabalha e acorda

às 11 horas da manhã), de vinte e sete anos, recém-chegado de Paris. Não é o que ocorre. Machado, apesar de ainda estar preso ao Romantismo, foge dos chavões desse estilo dominante na literatura brasileira da época. Aliás, o seu romantismo é contido, pois o autor nunca se permitiu grandes expansões de sentimentos. Não era da sua natureza. Arrisca até a criticar os dramalhões românticos na passagem em que Soares, o moço apaixonado por Isabel, pega uma faca e vai ao encontro de Camilo. Mas Camilo não é de briga. O triângulo amoroso é desastrado e meio cômico (“Soares olhava Camilo com a mesma ternura com que um gavião espreita uma pomba.”) (p. 174); sem falar num embuste de suicídio.

Machado conduz a narrativa em direção à sua futura obra romanesca, tanto nos contos, como nos grandes romances, que é a da análise interior. E do papel feminino na família, seu grande tema. Deixou de lado o lírico em favor do dramático, no sentido psicológico. Portanto, a jovem Isabel, pura e inatingível, será o centro de interesse dessa narrativa – opondo-se à mulher russa (de reputação duvidosa) que seduzira Camilo em Paris; logo, é Isabel que vai, implicitamente, confirmar o peso do casamento na sociedade patriarcal brasileira do século 19. O amor como base. Comme il faut.

Mas o que dizer do título? O que é a “parasita azul”? Podemos ver, nessa expressão tanto uma flor, do amor e do desejo, como a imagem do que foi guardado por Isabel, a flor do seu segredo. Também um fetiche. E numa atualização do sentido de “parasita”, podemos pensar que a planta que vive da seiva de outra pode significar – subliminarmente – a classe social que vive do trabalho de outra, isto é, a classe ociosa de que fala Veblen. Machado só criticava nas entrelinhas. Gostava de “catar os escondidos”, como disse.

POEMAS DE HENRIQUE DIAS

TEMPO

Momento seguro da vitória ou derrota,
Que faz a imaginação extravasar.
O que dizer a você sem a afirmação do tempo?
Pois só o tempo para me trazer
Alegria, prazer, vontade de viver
Diante do perene tempo,
Para esquecer a verdadeira força do tempo.

PÁSSARO

Chegou o mês de agosto,
E um velho amigo apareceu.
Com o seu canto infinito, faz a madrugada acelerar.
A alvorada vem com sua presença:
Surge na minha mente com o seu melodiar.
Canta o sabiá para a minha mente viajar.
Amar é a razão do viver sem plinar.

A VIOLA DE DRUMMOND, QUE VIROU VIOLONCELO...

Edmilson Caminha

Depois de dez anos publicada pela editora Companhia das Letras, a obra de Carlos Drummond de Andrade voltou, em 2021, a ser editada pelo Grupo Record, que a traz de volta às livrarias com o selo que lhe dá nome e com o da José Olympio, hoje pertencente à empresa. Serão 63 livros em edições realmente novas, do projeto gráfico ao desenho das capas, dos posfaciadores à conexão que se estabelecerá, por meio de um QR code, entre o texto impresso e o chamado mundo virtual, em que os leitores encontrarão bibliografias, cronologias, manuscritos e imagens do autor. A ideia é não apenas relançar títulos para quem já os conheça, como também para conquistar o público mais jovem, que saiba pouco de Drummond. Uma das tarefas do Conselho Editorial a que tenho a honra de pertencer, com Sônia Machado Jardim, Roberta Machado, Lívia Vianna, Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond, Rodrigo Lacerda e Afonso Borges. Conselheiros de quem recebi a incumbência de proceder à fixação do texto da obra (a *Antologia poética* foi competentemente revisada pelo poeta e ensaísta Alexei Bueno), para escoimá-la de erros, cochilos, palavras a menos ou a mais, tanto mais frequentes quanto maior o número de edições, que chegam às dezenas em livros do autor. Trabalho de detetive que requer paciência de monge, a cotejar exemplares antigos e novos, para a leitura da poesia e da prosa, verso por verso, linha por linha, acento por acento, ponto por ponto.

Vejam como se deu com *Viola de bolso*, que serve de ilustração pelo muito que mudou ao longo do tempo. A primeira edição saiu em 1952 pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, na coleção “Os Cadernos de Cultura”. São apenas 37 poemas – um dos quais, “Divina pastora”, não consta no índice – divididos em duas partes: a primeira sem título, a outra chamada “Meigo tom”. Drummond escreveria, mais tarde, sobre o que, para ele, eram não mais do que versos de circunstância: *Violeiro / mineiro, / meu canto / nem forte / nem belo / – singelo – / recorda / ternuras / passadas / futuras / presenças / amadas / amigos / imagens / paisagens / – meu canto / a um canto / da vida / vivida.*

A segunda edição (Rio de Janeiro : José Olympio, 1955) é a *Viola de bolso novamente encordada*, com a nota: “Deste livro foram tirados, fora de comércio, trinta exemplares em papel apergaminhado, assinados pelo au-

tor”. Em artigo no Correio de Manhã de 13 de agosto de 1955, o poeta elogia a capa de Lilyan Schwartzkopf e comenta:

A “Viola”, fabricada por artes de José Olympio e Athos Pereira, tem o material da antiga edição dos “Cadernos de Cultura”, de Simeão Leal (esse Simeão é maluquinho: pois não foi meter poesia de circunstância entre graves publicações oficiais?), porém mais da metade é novo. Como nos “magasins”, tudo é por seções: seção de amizades, de complicações íntimas, boas-festas, dedicatórias etc. Muito útil, a seção de agradecimentos de presentes recebidos: o autor ensina como retribuir a oferta de um cinzeiro ou um marcador de livro.

A primeira parte passa a denominar-se “Prima & contraprima”, com mais quatro poemas. No “Meigo tom”, acrescentam-se outros 14. Lygia Fagundes Telles, a quem dedica um poema, tem o prenome grafado incorretamente no índice (“Lydia”), e muda-se o primeiro verso da quadra que homenageia o artista Santa Rosa: “Não é santa nem é rosa” passa a “Não é santo nem é rosa”.

São cinco as novas seções: “Boas-festas” (13 poemas), “Dedicatórias de ‘Claro enigma’” (13), “Dedicatórias de ‘Fazendeiro do ar’” (3), “Para agradecer” (4 poemas, mais “Um marcador de livros, a Lúcia Branco” e “Um retrato, a Sylvio da Cunha”, que na primeira edição se encontram em “Meigo tom”) e “Ponteio maduro” (3). Bem contados, temos mais 54 poemas, que, com os primeiros 37, somam 91 na segunda edição.

Na *Antologia poética* (Rio de Janeiro : Editora do Autor, 1962), Drummond inclui dois poemas do *Viola de bolso*, “Caso pluvioso” e “Maralto”. A seção “Suplemento à 5ª edição” trará outros três, “Queixa de maio”, “Lira romantiquinha” e “Apelo aos meus dessemelhantes em favor da paz”.

Em 1964, a Editora Nova Aguilar lança a *Obra completa* de Carlos Drummond de Andrade, com 49 poemas (entre os quais os três a que acabamos de aludir) enfeixados no que se intitula “Viola de bolso II”, versos que se acharão depois em *José & outros* (Rio de Janeiro : José Olympio, 1967). No segundo volume da *Nova reunião*: 19 livros de poesia (Rio de Janeiro : José Olympio, 1983), há uma “seleção” do *Viola de bolso*, com 21 poemas.

A *Poesia completa* (Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2002) traz, na seção “Novos ponteios”, os poemas da “Viola de bolso II”, com a observação, em nota, de que “não estavam

incluídos na pasta organizada por CDA”. Na seção “Prima & contraprima” dessa coletânea, exclui-se o poema “À maneira de Geir Campos”, e muda-se, em “Assombração”, o verso 2 da estrofe 8: “do Flamengo à Tijuca” passa a “do Leblon à Tijuca”, com a justificativa: “Em todas as edições, desde a 1ª, está Flamengo. Nas anotações que [Drummond] deixou para a edição definitiva, aparece Leblon”. Anotações, deixe-se aqui registrado, que a jornalista e pesquisadora Joziane Perdigão Vieira não encontrou no acervo do poeta, pertencente à família Graña Drummond. A seção “Boas-festas” ganha um poema, “A Antônio Heranz”, e “Ponteio maduro”, outros seis.

Em “Novos ponteios”, aos 14 poemas enfeixados na “Crítica de domingo” juntam-se, descuidadamente, os cinco chamados “Dedicatórias de ‘Lição de coisas’”. Seguem-se as seções “Dedicatórias” (com 16 poemas), “Versinhos de tradutor” (5 poemas, embora dois deles, “Conhecimento” e “H. S.”, desistem dos demais) e “Vestíbulo” (com 7).

Feitas as contas, a *Viola de bolso* tem, na *Poesia completa* da Editora Nova Aguilar, o total de 177 poemas, com os 84 que lhe foram incluídos.

A Companhia das Letras não chegou a publicar a edição cujo texto foi fixado, em 2021, pelo poeta e ensaísta Antonio Carlos Secchin. Nela, constariam mais 30 poemas, com o que o total chegaria a 207.

Viola de bolso mais uma vez encordada (Rio de Janeiro : José Olympio, 2022) baseia-se na segunda edição do livro, cuja tipologia gráfica, para deleite dos bibliófilos, se mantém ao ponto de recriarem-se as serifas que se veem nos travessões, nos traços e nos hifens. Aos 91 poemas cresceram-se 25, inéditos nas edições anteriores, de uma pasta em que Drummond escreveu, a mão, “Viola de bolso (nova)”. O livro reproduz emendas manuscritas do poeta, como em “A Guignard”, cujo verso “do teu muito pensar em nuvens e anjos” teve o verbo substituído por *cismar*. Em “A Antônio Bandeira”, muda-se mais: o verso “a uma abstrata beleza” é substituído por “à visão que inebria”. “A Yolanda Guedes” tem o adjetivo *puro* trocado por *leve*, a par da supressão, em outros poemas, de conjunções e artigos.

Reproduções fac-similares do que se lê em “Viola de bolso (nova)” apresentam

manuscritos – como o de “A companheira”, dedicado à mulher Dolores, com a capitular e as cercaduras caprichosamente postas em vermelho –, datiloscritos e colagens em que se encontram rubricas e correções do autor. O poema “Os versos de Guilhermino” intitulou-se, inicialmente, “Os versos do poeta”. Em um verso de “Mata Atlântica”, “Uma espuma azul boia em névoas na altura”, quando antes se lia “nas névoas da altura”. No primeiro verso de “A família Lyra”, datilografou-se *família* – certamente, segundo os netos de Drummond, não por ele, sempre rigoroso com a correção dos originais, mas por Lygia Fernandes, com quem manteve relação afetiva por mais de trinta anos. Como revisora atenta, supõe-se haver sido quem escreveu, ao fim de um verso, “vírgula ou n[ão]?” Na letra inconfundível do poeta, os nomes “Tangará” e “Gato-do-mato pintado”, à margem de estrofes.

Em “Ressonâncias”, parte final do volume, fac-símiles interessantes: do “Soneto inglês”, dedicado por Drummond ao editor e amigo José Olympio, e do “Soneto da buquinagem”; da coluna “Viola de bolso”, publicada no *Correio da Manhã* em 1955, e da “Violinha de bolso” (*Jornal do Brasil*, 1971), com versos a Portinari, Tânia Maria, Wega Nery, Ziraldo e Aires da Mata Machado.

Mais uma vez encordoada, a *Viola de bolso* de Carlos Drummond de Andrade chega a 116 poemas, 79 a mais que os 37 da primeira edição. Daí o trabalho que deu para fixar-lhe o texto, com a atenção e a responsabilidade a que tem direito a obra do poeta. Passados 70 anos, o livro mais que triplicou de tamanho. Hoje, está mais pra violoncelo do que pra viola...

ANA PAULA ARENDT

SONETO XLIV

O QUE EU TE DESEJO MESMO aos anjos escaparia.
Na prateleira mais alta, teus sonhos realizados,
mensagem de um tempo claro com o gozo caiado
de botões que desabrocham no coração de Maria.

Certezas de amor pulsando mais repletas,
raio que parta do céu ao chão sem mais tardar,
passeio primaveril e sorrisos das borboletas,
a porta que se abre sozinha para o sol passar.

Meu canto de alma um anjo não entenderia
que desejo achar poemas aqui deste meu canto,
consolo raro que achou o meu espírito de tanto

Andar no calor da estrada de uma alforria.
Por isso escrevo, só dão conta fartos versos cristalinos
do caminho que nos apronta nosso anseio de destino.

SONETO CXIII

E JÁ NÃO POSSO imaginar a minha perda.
Vazio distante e dito aos pedaços.
Vivo estás, e esta linha de novo herda
o montante de chumbo sem vez no espaço.

É por causa do ódio bem calculado;
do tempo senil da besta serena,
que ele rouba o abraço de vida plena
da mãe com o filho envolto e calado

Como dali e doutros memoriais ao teu lado,
resiste a flor ao fim do mundo e à seca,
à dor de séculos tristes e transtornados,

Também perduramos nesta mesma biblioteca,
em momentos distintos que o mesmo tempo teça:
assim sobrevive nosso abraço bem apertado.

NAZARETH TUNHOLI

★ 6.5.1952 † 7.2.2024

TESTEMUNHO

São mágicas aquelas trilhas
abertas no verde do cerrado,
devassadas pelo sol,
no Parque de Brasília

Caminhar por lá
contemplando árvores,
na brisa do amanhecer,
é ter a certeza de ser
totalmente energizado
pela luz penetrante,
vermelha e intensa do sol.

Entregar-se
a esse cálido afago,
que toca a alma,
é palpitar com a mesma energia,
é sentir-se natureza.

O amor aflora pelos poros
transbordando gratidão a Deus
pela terra, ar, floresta,
pelo universo
e pela graça de viver!

ROTINA

Entre os olhos e os pés
brinca um sorriso com o orgulho
que respinga as sandálias,
na caminhada!

Céu e mar azulam montes e areias
enquanto um raio de sol
desliza nos óculos escuros,
no ardor do caminho!

Mas há um repouso perdido
nas sombras da tarde,
enquanto cai o dia
e o suor escorre pela face.

Entre o céu e o chão
amanhecem a sorte, a benção
e a magia da esperança,
na dura rotina do viver!